

4^a PARTE

Discursos

SAUDANDO OSMUNDO PONTES(*)

Eduardo Campos

Eça de Queiroz, em “Cartas Inéditas de Fradique Mendes”, a dirigir-se a seu presumível alfaiate, E. Sturmman, de modo inusitado, indaga e responde sobre a serventia da palavra, considerando-a, afinal, por indispensável em expressar “a idéia perceptível e transmissível nas relações humanas — como o casaco serve para tornar o homem apresentável através das ocupações sociais”.

Pois bem, a palavra em nosso ofício pretende mais, indispensável que é na formação da linguagem, instrumento privilegiado de trabalho e comunicação do nosso convívio, indumento que nos caracteriza, de modo claro e distinto, literariamente.

Assim como no magistrado não é a toga o referencial que importa, mas a consciência jurídica; no soldado, sobre a farda — simples vestimenta diferenciadora — prevalecerá a compostura cívica; — e no escritor, personagem afeito ao exercício das belas letras, mais do que o fardão acadêmico há de esplender, efetiva e edificante, a palavra, que, aproveitando novamente o pensamento de Eça de Queiroz na carta endereçada ao alfaiate londrino, “o casaco está para o homem como a palavra está para a idéia”.

Assim dito, entenda-se: a esta Casa só chegam os que indumentam de boas palavras e idéias. E inspiração. E fidelidade literária. A literatura, como a praticamos — e aqui repetimos o poeta Artur Eduardo Benevides, “é uma forma de conhecimento, um veículo poderoso de comunicação de almas, um instrumento estético de extraordinária plasticidade, através do qual se lançam mensagens de larga permanência, capazes, muitas delas de modificar a cosmovisão de muitos”. (...) “Literatura é luz e palavra, ritmo e cor, fonte e caminho, consciência e verdade, antevisão e ação, sonho e sofrimento, catarse e beleza”.

E por agora falamos nós: foram substantiva de olhar e ver, o que significa obrigatoriamente: convivência e participação. Circunstância que lembra os versos de Luís de Camões, no canto décimo de obra maior da inteligência lusa:

(*) Discurso pronunciado a 13 de janeiro de 1989.

*“Olhai que sois — e vede as
outras gentes...”*

A toda certeza, Senhor Juiz Osmundo Pontes, sois um humanista debruçado sobre o mundo, não contentado na usura de ver a própria interioridade, mas a grandeza da dimensão humana das “outras gentes” de que nos fala o autor de “Os Lusíadas”.

Em todos os momentos em que empreendeis, o anedejo marinho de permanente predisposição para partir, que sois, não decorre apenas da efetivação de contemplativo turismo, mas de verificação, da real interpretação de pessoas e paisagens, que, aparentemente alheias, vos tocam sempre o coração, desejavelmente caras.

Ferreira de Castro, em livro de viagens gizado pelo mesmo solidarismo que vos anima, conclui “... quando se conhece os habitantes do nosso planeta, cria-se uma maior simpatia universal, uma simpatia que, mais do que pelas qualidades de cada povo, é feita pelos condicionamentos, pelas dores, pelas fragilidades comuns a todos. Passa-se a compreender o que, em muitos casos, se tinha por incompreendido, e verifica-se que os membros desta ou daquela raça, desta ou daquela religião, que pareciam tão diferentes de nós, são, afinal, para além dos seus usos peculiares e de sua mentalidade susceptível de metamorfose, iguais a nós, nossos irmãos”.

Senhor Juiz Osmundo Pontes:

Como no canto XI da “Odisséia”, por trás de vossas naus de surpreendentes peregrinações, a terrível mas dadivosa “Circe, de tranças feitas”, e “canora”, jamais faltou com generosos ventos para enfunar as vossas velas.

Assim no diário-de-bordo, que é “Portugal e outras Pátrias”, obra enaltecida com carinhosa prefação de Rachel de Queiroz, tem-se o viajor impulsionado pelos bons fados; e mais do que o cronista, o repórter atento às dores do mundo, e sobrelevando os dois — que perseveraram na mesma pessoa que sois vós — o homem de letras, objetivo, conciso na maneira de se expressar.

A inspirada autora de “O Quinze”, após enaltecer vossos méritos, lamento não ter visto o Portugal ali descrito, conhecendo Lisboa, à pressa, de passagem — um “dos seus remorsos, um dos seus desgostos”.

“Se algum dia eu viajar” — acrescenta a escritora — “será principalmente para lá; longamente, descansadamente, passar pelo menos uns seis meses em romaria por aquela terra abençoada, ah, são os meus sonhos”.

“E, se esse sonho, se essa peregrinação se realizar um dia, levarei comigo o livro de mestre Osmundo; tenho certeza de que dificilmente poderia escolher melhor”.

Naquele citado roteiro de viagem a Portugal e outras terras, sem que fosse pressentido, inaugurava-se o escritor cujo fardão iam-no cortando os sentimentos bem postos, a seriedade da informação, a solidariedade participativa.

O “vede as outras gentes”, da lição universal de “Os Lusíadas”, vos inspira. Põe-se no sentimento substantivado do cronista diante das viúvas de pescadores, vestidas de preto, em Nazaré, a espera dos “filhos ou aderentes” (vosso, o narrar), “de volta do mar, em pleno sol, tricotando blusas e casacos de lã...”

E por diante, ora enternecido, dolorido ou emocionado, numa e noutra passagem, qual nesta, a lembrar Antônio Nobre, poeta de “olhos imensos penetrantes” e “cujos reflexos pareciam vir das profundidades do coração”.

Portugal não se desentranha de vosso afeto.

Porque a lusitânia sendo a obsessão pelo mar, o é também pela conquista pelo mundo; irrevogável proposta de viagem. Sentimento que faz com que o poeta Fernando Pessoa — e outro não podia ser — cante por vós e todos nós:

*“Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlântica se exalta...”*

E à frente, já quando vossa frente se coroa de novas glórias — presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região por três profícuos períodos administrativos; sócio titular da Academia Nacional de Direito do Trabalho; presidente reeleito da Academia Cearense de Retórica — para satisfação de vossos leitores temos outro diário-debordo — “Portugal dos meus Amores” —, um livro onde o narrador de espírito humanista mais se mostra aperfeiçoado.

E novamente prevalece o viajante sequioso de aventuras, de mistérios e descobertas, de consciência e coração aclarados, sensibilizado a “ver as outras gentes”.

Permiti, marinheiro Osmundo Pontes, que vos contemple com efetiva e deslustrada compreensão, a repetir os versos de sal e marezia de Fernando Pessoa:

*“No mar, no mar, no mar, no mar,
Eh! pôr no mar, ao vento, às vagas,
A minha vida!
Salgar de espuma arremessada pelos ventos*

*Meu paladar das grandes viagens.
Fustigar de água chicoteante as carnes da minha aventura.
Repassar de frios oceânicos os ossos da minha existência,
Flagelar, cortar, engelhar de ventos, espumas, de sóis,
Meu ser ciclônico e atlântico,
Meus nervos postos como enxárcias,
Lira nas mãos do vento!"*

Senhor Juiz Osmundo Pontes, em vós revive o marujo intemporal, livre do fardão e da toga, que percorre a Lisboa antiga, e, na Feira da Ladra, recolhe emoções para nos contar depois:

"O tumulto antigo, vivo e alegre, pregões estrídulos, convites excitantes ao transeunte, deu lugar a um silêncio inexplicável. Dir-se-ia um cemitério de almas e de coisas. Não faz muito, comparou-se a Feira da Ladra a um lugar desprezível. De fato, assim o é. Vão ali parar, anonimamente, mutilados pelo uso quotidiano, os objetos mais heterogêneos e fantásticos que é possível imaginar. Não é só mercado de velharias, bisarramente dispostas, num mosaico incongruente e disparatado. É também uma casa de penhores de ocasião, onde o operário vai vender, num dia negro de necessidades, a ferramenta do ofício..."

Sois o nauta, o viajante que se protege em Deus, conforme os vossos sentimentos numa noite de Natal em Portugal:

"A igreja toda resplandece de luzes e congaduras de franjas a ouro e prata. As catequistas, os membros das confrarias, continuam a embelezar o velho templo do Senhor, enchendo-o de flores difíceis de encontrar neste tempo de neve o de reproduzir em pano ou papel os mais ricos e vistosos paramentos que as arcas de castanho, com grossas ferragens, cuidadosamente guardam na sacristia".

Mas é em "China: homem e paisagem" que se vai deparar o narrador amadurecido, consciente do sentido da observação; o repórter ágil, inquiridor, — como o dissemos em prefácio por nós lavrados —, sempre atento a procurar "descobrir" mesmo aquilo que a informação oficial é compelida, muitas vezes, a mascarar ou atenuar".

No breve capítulo "Velhos lobos do Rio", o leitor pode dimensionar o agudo sentido perquiridor de quem, depois de apreender o que olhou e viu com emoção e objetividade (e também interesse humano), escreve:

"Nas margens do Huangpu, o rio tradicional de Shangai, vios rostos crestados pelo sol e pela chuva, mãos calejadas por pás e redes, e temperadas pela água enegrecida; mãos que teimam em sempre voltar à faina cotidiana e rotineira."

Uns seres curtidos no sacrifício tradicional do trabalho, dilacerados pelo tempo, como anotaste com o carinho de que, na verdade é — e sabe ser —, o viajante sensível à tragédia dos povos.

Enquanto os novos — é vosso referir, Acadêmico Osmundo Pontes — “têm as fábricas que os chamam ao trabalho como sereias fasvinantes, arrancando-os à poesia da aldeia”.

A sábia lição ministrada por Luís Camões — “Olhai quem sois e vede as outras gentes” - tornou-se norma de vossa aplicação habitual, o vigora exemplar em “China: homem e paisagem”, obra em que o magistrado funde-se no repórter e no cronista para narrar, por exemplo, pungente e humana cena de um divórcio chinês, episódio que é drama e naufrágio a um só tempo, a se ter de um lado, sumida em sua dor, a pobre mulher a insistir na separação, enquanto o juiz — flagra vossa excelência — tenta conciliar o irreconciliável, que todo desastre de amor é definitivo.

E ali, sob caracterização popular, onde a lei não percebe que não pode democratizar (e ou diria: vulgarizar as relações íntimas de marido e mulher), o meritíssimo aturde-se sem perceber a linguagem de desesperança no amor, e quer acudir, estender a mão, interferir, ajudar, mas sem palavras convincentes fica a se repetir num “ham?” tão inconseqüente quanto ridículo, que ainda por agora sinto soar doloridamente inútil.

Pois bem, a vós, cujo exercício intelectual operou-se na convivência das outras gentes, assim como transcorreeu e se altanou o magistrado que sois no cumprimento do dever, abrem-se de par em par as portas da Academias Cearense de Letras.

A ela — até onde me permito recorrer à retórica — vem-se adentrar principalmente o viajor, a quem prefiro chamar de marinheiro, que, conosco há de demorar, pois esta respeitável Casa de Saber possui também os seus encantos e mistérios, e sereias como as que tentaram reter Ulisses em sua gloriosa viagem de retorno à Ítaca.

Paul Claudel definiu este vosso espírito de obstinado e deslumbrado desbravador de mundos, quando traçou a personalidade surpreendente de Cristóvão Colombo:

“A vida do marinheiro não está em chegar, mas em partir.”

Mas, hoje, aqui e agora, é diferente.

Vós chegasts para ficar.

Chega-se à imortalidade: não se parte dela.